

Experimentações metodológicas: interações entre investigação e criação em formações superiores na Universidade do Algarve e na PUC-SP

PATRÍCIA DOURADO
CECILIA SALLES

Patrícia Dourado é investigadora do CIAC/UAlg e Professora Convidada da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Coordena com Cecília Salles a Pós-Graduação Lato Sensu em Processos de Criação da PUC-SP. Desenvolveu investigação de pós-doutorado em Artes: Processos de Criação pelo CIAC com bolsa FCT. É doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP com bolsas Capes, tendo realizado doutorado sanduíche no CIAC/UAlg com bolsa PDSE da Capes. É licenciada em Letras pela Universidade Federal do Ceará, com bolsa-arte na modalidade Cinema pelo Instituto de Cultura e Artes – ICA/UFC. É autora do livro “Roteiros: Da criação como experimentação” (2024).

Contato: apdourado@ualg.pt

Afiliação: CIAC-Universidade do Algarve e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0186135189156671>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0418-7071>

Cecília Salles é professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Coordenadora da Pós-Graduação Lato Sensu em Processos de Criação da PUC-SP e do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação na mesma instituição. Doutora e mestra em Linguística Aplicada e Estudos de Línguas. Realizou pós-doutorado no Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Autora dos livros “Gesto inacabado: processo de criação artística” (1998), “Crítica Genética” (2008), “Redes da Criação: construção da obra de arte” (2006), “Arquivos de criação: arte e curadoria” (2010) e “Processos de criação em grupo: diálogos” (2017).

●343

Contato: csalles@pucsp.br

Afiliação: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6112940247306533>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3826-0142>

● **Resumo**

O artigo propõe uma reflexão sobre as interações entre investigação e criação a partir da observação de artistas, escritores e criadores diversos em contexto de formação acadêmica, diante de experimentações metodológicas em diálogo direto com a Teoria Crítica dos Processos de Criação. Entre as perguntas que nos guiam temos: 1. Como oferecer suporte para o desenvolvimento de investigações que têm a criação como enfoque? 2. Que consequências estão implicadas em um estudo que acolhe a criação como objeto (e meio) de investigação? 3. Que contribuições o estudo dos processos de criação pode ter para a produção de conhecimento pela prática e pela experimentação em um espaço que se deseja polifônico como o da universidade? Fazemos isso apresentando primeiro o campo de estudo dos processos de criação, tal como vem sendo desenvolvido na PUC-SP desde os anos 1990. Alguns marcos desse percurso são destacados, enquanto apontamos as contribuições de cada um deles para a área. Chegamos ao contexto de criação das duas recentes formações inauguradas, em Portugal e no Brasil: o Mestrado em Processos de Criação na Universidade do Algarve (inaugurada em 2022) e a Pós-Graduação Lato Sensu em Processos de Criação na PUC-SP (inaugurada em 2025). Aproveitamos para analisar, por fim, algumas experimentações metodológicas vividas por estudantes em contexto de investigação-criação nessas duas instituições, incluídas as novas formações, como um modo de perceber a riqueza de métodos que a abordagem dos processos de criação pode oferecer aos interessados em penetrar as nuances do pensamento em criação e fazer respirar o corpo de metodologias possíveis no contexto acadêmico contemporâneo.

●344

● **Palavras-chave**

processos de criação; metodologias de investigação em artes; educação; investigação-criação.

● **Abstract**

This article proposes a reflection on the interactions between creation and research, based on the observation of artists, writers, and diverse creators in academic training contexts, in light of methodological experimentations in direct dialogue with the Critical Theory of Creation Processes. Guiding our inquiry are the following questions: 1. How can we provide support for the development of research that takes creation as its focus? 2. What consequences are entailed in a study that embraces creation as both the object and the means of investigation? 3. What contributions can the study of creation processes offer to knowledge production through practice and experimentation within the polyphonic space of the university? To address these questions, we begin by presenting the field of creation processes studies, as developed at PUC-SP since the 1990s. We highlight key milestones in this trajectory, pointing out their specific contributions to the field. We then turn to the context of two recently inaugurated programs, in Portugal and Brazil: the Master's in Creation Processes at the University of Algarve (launched in 2022) and the Lato Sensu Postgraduate Program in Creation Processes at PUC-SP (launched in 2025). Finally, we analyze some methodological experimentations carried out by students in research-creation contexts within these two institutions, including the new programs, as a way of recognizing the richness of methods that the study of creation processes can offer to those interested in exploring the nuances of thought-in-creation and in revitalizing the body of possible methodologies within the contemporary academic context.

● **Keywords**

creation processes; research methodologies in the arts; education; research-creation.

Introdução

Desenhada nas últimas décadas pela observação e estudo relacional de diferentes processos de criação e assentada no conceito de criação como rede em construção, a Teoria Crítica dos Processos de Criação tem encontrado, desde seu surgimento nos anos 1990 no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, caminhos de expansão¹, que têm trazido novas camadas e novos caminhos de diálogo com as práticas e com a reflexão sobre as práticas a partir da singularidade de diversos criadores.

Comentaremos aqui algumas expansões mais recentes e como elas têm contribuído para a ampliação das interações entre investigação e criação, principalmente por meio do estímulo à experimentação metodológica – uma característica recorrente em vários processos de criação estudados e que tem sido também um caminho para os projetos de investigação-criação que têm encontrado suporte na Teoria Crítica dos Processos de Criação nos últimos anos, conforme exemplos trazidos neste estudo.

Entre os detonadores dessas expansões, além do permanente diálogo com a experimentação contemporânea – de que a Teoria Crítica dos Processos de Criação é marca – temos entre os mais recentes: o convênio com o Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) da Universidade do Algarve, a recente atuação no Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP e os trabalhos oriundos das novas formações em Processos de Criação, no Brasil e em Portugal: a Pós-Graduação em Processos de Criação da PUC-SP e o Mestrado em Processos de Criação da Universidade do Algarve, ambos resultado do convênio entre a PUC-SP e a Universidade do Algarve, com professores das duas instituições.

Desenvolvida por Cecilia Salles em diálogo com investigadores e artistas de diferentes áreas, a Teoria Crítica dos Processos de Criação constitui-se como um campo de investigação dedicado à compreensão da criação enquanto processo contínuo, relacional e em permanente construção. Em contraste com abordagens centradas exclusivamente na obra final ou em modelos explicativos fechados, a teoria desloca o foco para o pensamento em criação, observado a partir dos vestígios deixados ao longo do percurso criativo, como registros, anotações, ensaios, escolhas provisórias e

¹ É possível saber mais sobre a história desta teoria e sobre o caminho de expansão que ela tem percorrido, desde os primeiros passos ainda nos anos 1990 na PUC-SP até os dias de hoje, em Salles, 2017; Dourado & Miranda, 2023, Colapietro & Martinelli, 2024.

reformulações sucessivas. Esses materiais passam a ser compreendidos como arquivos da criação em sentido amplo, isto é, tudo aquilo que carrega indícios do pensamento em criação, e assumem um papel fundamental tanto para a análise crítica quanto para a produção de conhecimento no âmbito acadêmico.

Ao tomar a criação como um processo em rede, a teoria permite compreender os percursos criativos como atravessados por múltiplas dimensões, entre elas as culturais, históricas, técnicas, afetivas, éticas e estéticas, que se interrelacionam de modo não linear. Esse olhar relacional possibilita observar, simultaneamente, as singularidades de cada processo e os aspectos gerais que se manifestam de forma recorrente em diferentes linguagens, áreas de atuação e contextos de produção. Assim a Teoria Crítica dos Processos de Criação opera como um campo de mediação entre o particular e o geral, entre o fazer singular e a reflexão partilhável.

Trata-se, portanto, de uma teoria assumidamente aberta e plástica, cuja construção se dá em diálogo permanente com os próprios processos que investiga. Longe de propor modelos metodológicos rígidos ou prescrições normativas, a teoria oferece instrumentos conceituais que sustentam investigações sensíveis à natureza dinâmica da criação. Essa característica favorece a aproximação com projetos que articulam investigação e prática criativa, acolhendo metodologias experimentais, híbridas e em constante ajuste às necessidades de cada percurso investigativo.

Essa vitalidade teórica tem encontrado um campo fértil de expansão com o surgimento de formações superiores dedicadas especificamente ao estudo dos Processos de Criação (UAlg e PUC-SP). Nessas experiências formativas, a teoria passa a atuar não apenas como objeto de estudo, mas como eixo estruturante de práticas pedagógicas, metodológicas e investigativas, contribuindo para a renovação das abordagens de pesquisa no espaço universitário. Ao antecipar algumas discussões que serão aprofundadas mais adiante, buscamos situar o leitor diante de uma teoria que se constrói em movimento, em diálogo com diferentes projetos, áreas e instituições, e que reafirma seu compromisso com a produção de um conhecimento vivo, relacional e atravessado pela experiência da criação.

(Re)encontros entre investigação e criação

As interações entre investigação e criação sempre marcaram os projetos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP, desde seus primórdios nos anos 1990 – mesmo quando não eram explícitas ou eram feitas com

base no trabalho de outros criadores. Ao longo de sua trajetória, muitos artistas e investigadores de diferentes áreas desenvolveram projetos voltados ao estudo da criação, em que o entrelaçamento entre investigação e criação era fatalmente inerente. Nos estudos acolhidos pelo Grupo, o investigador nunca deixou inteiramente de ser também criador: a criação esteve sempre na base das investigações, não apenas como objeto de análise ou lente teórica, mas – também, e principalmente – como abordagem para os próprios projetos.

Entretanto, mais recentemente, essa interação tem ficado mais explícita nos projetos acolhidos, especialmente com o advento das formações superiores em Processos de Criação na PUC-SP e na Universidade do Algarve, com artistas e criadores diversos desenvolvendo projetos de investigação-criação em suas formações de pós-graduação e mestrado. Concomitantemente, os investigadores do Grupo têm-se sentido instigados a propor projetos de investigação-criação também no âmbito de outras formações, por exemplo de doutorado, que têm cruzamento direto com a Teoria Crítica dos Processos de Criação, nos programas de Comunicação e Semiótica e de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, com grande potencial de contribuição para a expansão da área.

●347

Os estudos que entrelaçam investigação e criação, teoria e prática, no entanto, não são propriamente novos e têm sido cada vez mais uma busca entre artistas e criadores diversos que procuram programas de pós-graduação, mestrado e doutorado para suas formações e que buscam pelo religamento das relações entre criação e investigação nos seus trabalhos – o que esperamos que possa ser cada vez mais reforçado por instituições, programas e entidades de financiamento da educação, da ciência e das artes.

Nos anos 1960 e 1970, por exemplo, artistas como Lygia Pape e Hélio Oiticica no Brasil, como muitos outros mundo afora, desenvolveram importantes trabalhos de criação artística paralelamente à construção de uma rica teoria sobre a arte e a criação que tinham os seus trabalhos imbricados a essas teorias, onde era difícil – nem se intencionava – separar prática e teoria. Muito pelo contrário, buscava-se cada vez mais responder de diferentes formas, pela prática e pela articulação do pensamento teórico, às indagações do nosso tempo que se cruzavam intimamente com a criação.

Muitas obras desse período, não só nas Artes Visuais, mas também no Teatro, no Cinema e na Literatura, encontraram de modo natural a ressonância entre criação e investigação, entre prática e teoria, entre ética e estética, entre ação e discurso – que, entrelaçadas, se tornaram mais densas, mais complexas, mas também mais vivas. São

exemplos de artistas que atuaram com essa capacidade complexa ampla para o pensamento e a criação especialmente a partir dos anos 60 e 70: o cineasta Glauber Rocha, o dramaturgo Augusto Boal e o escritor Haroldo de Campos, só para citar alguns exemplos fundantes no Brasil de artistas que revolucionaram também a teoria da arte em que atuaram.

Alguns projetos liberais em curso, principalmente no âmbito da economia, atropelaram as perspectivas de um futuro mais plural como os artistas dos anos 1960 e 1970 almejavam. Não seria possível chamar a hiperespecialização que vivemos hoje, na educação e na ciência, se isolada, de plural. Por isso tem-se tornado urgente (e recorrente) a necessidade de religar continuamente os saberes, e acreditamos firmemente que os processos de criação e os consequentes projetos de investigação-criação que têm alimentado a teoria de processos são um caminho para essa religação da qual a universidade não deve se eximir, como um dos principais eixos de propulsão de formações e projetos com essas características.

●348

Um campo em permanente expansão

O estudo sobre a criação conforme vem sendo desenvolvido nas últimas décadas no Grupo de Pesquisa em Processos de Criação² da PUC-SP carrega em si uma natureza de reflexão coletiva diante da riqueza dos estudos em torno dos processos de criação que já passaram por lá e que seguem reverberando em diferentes instituições e áreas de atuação. É um estudo que toma por base a materialidade dos registros de processo de uma grande diversidade de arquivos da criação, especialmente nas artes, mas não apenas, como um modo de trazer, ao mesmo tempo, corpo (presença) e capacidade de arquivamento de algo tão efêmero, ramificado e cheio de idas e vindas como é o pensamento em criação.

Uma teoria dedicada a estudar tais processos não poderíamos esperar que fosse estática, e a expansão e o surgimento de novas camadas e perspectivas não só é esperada como estimulada entre os investigadores. Encontramos, assim, um campo marcado por permanentes expansões.

A primeira delas, ainda nos anos 90, sob o ponto de vista dos objetos estudados: um percurso da literatura para os processos comunicacionais em geral, incluindo o vasto campo das artes (visuais, sonoras, da cena e da imagem em movimento), mas

² <https://processosdecriacao.com.br/>

também o jornalismo, o design, a arquitetura, a gastronomia, as ciências e muitos outros.

Os diferentes estudos de caso nos levaram a observar recorrências de alguns aspectos gerais dos processos que passaram por sistematizações em diálogo com a semiótica de Charles S. Peirce e Vincent Colapietro, o conceito de rede de Pierre Musso e o pensamento da complexidade de Edgar Morin, entre outros, conforme veremos brevemente mais adiante. Autores que foram aos poucos sendo incorporados, em sua expansão teórica.

O que se experimenta hoje, após essas importantes transformações provocadas pelas expansões no âmbito do objeto e da teoria, são o que poderíamos chamar de expansões físicas do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação, que tem encontrado novos parceiros com quem tem desenvolvido novas relações de investigação e, também, educacionais. O convênio com a Universidade do Algarve, a ida para o Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP e as novas formações na área dos Processos de Criação expandiram diversas questões que já eram percebidas pela Teoria Crítica dos Processos de Criação e que ganharam agora mais ramos, mais complexidade e mais vivências de investigação com a ampliação da rede.

●349

Entre os temas que essas recentes expansões trouxeram estão especialmente as contribuições dos estudos dos processos de criação para a educação e para as metodologias de investigação como já vinha sendo feito, especialmente no campo das Artes e da Comunicação, mas com potencial para se estender por todas as áreas da criação humana e suas intercessões.

Essa expansão que ampliou e complexificou a diversidade de metodologias de investigação em curso nos estudos em torno dos processos de criação sustentados pela Teoria Crítica dos Processos de Criação encontra semelhanças com outras iniciativas que também buscam o religamento entre teoria e prática nos processos de investigação e que tiveram experiências educacionais e de investigação como catalisadoras dessa expansão metodológica.

São exemplos de estudos que surgiram de buscas semelhantes e que partilham aspectos em comum com a nossa abordagem, como o desejo de acolher o artista e o criador em geral para investigações sobre a prática em formações superiores na universidade e o interesse por desenvolver projetos implicados entre investigação e

criação: os estudos de Action-Research³, Art-Based Research⁴, Practice-Based Research⁵ e Recherche-Création⁶, para lembrar alguns exemplos em outros países.

A abordagem da Teoria Crítica dos Processos de Criação, ao acolher e desenvolver projetos nessa intersecção, faz isso com o suporte de uma teoria viva que vem sendo aperfeiçoada há mais de 30 anos por investigadores e criadores de diferentes áreas, que nutrem a teoria ao mesmo tempo em que se nutrem dela, o que é sem dúvida um importante diferencial da história de expansão dessa abordagem, cujo

³ A Action-Research, uma das primeiras investigações duplas entre investigação e ação no campo das ciências sociais, surgiu com o psicólogo social Kurt Lewin, nos Estados Unidos, em 1946, como resposta à necessidade de transformar realidades sociais por meio de ciclos de ação e reflexão. O modelo foi expandido por autores como John Dewey, que enfatizou a prática reflexiva, e Lawrence Stenhouse, que fortaleceu o movimento “teacher-as-researcher” no Reino Unido, entre outros. Na América Latina, destacam-se Paulo Freire e Orlando Fals Borda, que alinharam a metodologia a perspectivas críticas e emancipadoras. A abordagem é atualmente adotada por instituições e redes internacionais como o Collaborative Action Research Network (Reino Unido), o Center for Collaborative Action Research (Suécia), o CLAYSS (Argentina) e a PRIA (Índia), sendo amplamente aplicada em educação, saúde e desenvolvimento comunitário. Ver: Lewin, 1946; Stenhouse, 1975; Freire, 1970.

•350

⁴ A Art-Based Research – ABR é uma abordagem metodológica que utiliza os processos artísticos como ferramentas para gerar e expressar conhecimento. Formalizada por Elliot Eisner na década de 1990, a ABR busca representar a complexidade dos fenômenos sociais através da sensibilidade estética. Além de Eisner, autores como Shaun McNiff e Tom Barone foram fundamentais para a consolidação teórica da abordagem. No Canadá, destaca-se a vertente A/R/Tography, desenvolvida na University of British Columbia. A ABR é hoje aplicada em diversas áreas como educação, saúde e ciências sociais, sendo promovida por centros nos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá e Austrália. Ver: Eisner, 1997; McNiff, 1998; Irwin & Spinggay, 2008.

⁵ A Practice-Based Research emergiu como reconhecimento do valor epistemológico do processo de criação. Desenvolvida principalmente a partir dos anos 2000, teve contribuições significativas de Henk Borgdorff, que classificou a investigação em artes como “sobre”, “para” ou “por meio” da prática. A institucionalização dessa abordagem envolveu a fundação da SAR – Society for Artistic Research (Suíça, 2010), responsável pela *Journal for Artistic Research*. Universidades como a University of the Arts London (Reino Unido), a University of the Arts Helsinki (Finlândia) e a Universidade de Leiden (Holanda) são referências na área, com apoio de agências como AHRC e NWO, com trabalhos principalmente na área das Artes e do Design. Ver: Borgdorff, 2012; Candlin, 2000; Plataforma da SAR – Society for Artistic Research.

⁶ A Recherche-Création é uma abordagem híbrida, consolidada especialmente em contextos francófonos, como o Canadá e a França, onde é reconhecida por órgãos de fomento como o FRQSC e o CRSH, no Canadá, e o CNRS e o Ministère de La Culture, na França. É uma abordagem que valoriza a articulação simultânea entre criação artística e reflexão teórica, considerando o fazer artístico como produção de conhecimento. As raízes filosóficas da abordagem remontam às escolas experimentais pós-1968. Pensadores como Louise Poissant e Jean-Pierre Boutinet desenvolveram contribuições teóricas importantes para o desenvolvimento da metodologia, enquanto instituições como a Université du Québec à Montréal (UQAM), a Concordia University e a Université Paris 8 são polos ativos de investigação-criação. Ver: Poissant & Poulin, 2011; Paquin & Noury, 2000; Paquin, 2000; Plataformas da CRSH – Conseil de Recherches en Sciences Humaines e FRQSC – Fonds de Recherche du Québec (Canadá) e do CNRS-INSHS e Ministère de La Culture (França).

diálogo com outros teóricos, outros centros e outras linhas de investigação não só é bem-vindo como é estimulado e percebido ao longo da história de expansão que comentamos aqui.

Abrimos a seguir um pequeno tópico para apresentar, muito brevemente, os conceitos fundamentais dessa teoria, especialmente quanto à interação entre criação e investigação de que é tema este artigo, para em seguida passar a desenvolver mais detalhadamente as expansões que levaram ao que temos percebido como uma expansão também das metodologias de investigação dentro da área, a partir da observação de alguns exemplos de projetos recentes de investigação-criação.

A criação e a investigação como redes em construção

O conceito de criação proposto pela Teoria Crítica dos Processos de Criação está interligado ao conceito de investigação, em uma relação de interconexão intrínseca, nos projetos em que a natureza do objeto (dinâmico) estudado coloca também os métodos de investigação nesta mesma dinâmica, por ressonância e interligação.

Assim, o conceito de criação como rede em construção passa a abranger tanto o estudo de criadores em geral quanto projetos de investigação que se situam na intersecção com a prática criativa, em suas diversas manifestações. Isso pode ocorrer ao tomar a criação como objeto de observação e reflexão ou, ainda, ao propor investigações que envolvem uma atuação prática, acompanhando processos em curso, e ao elaborar, a partir deles, contribuições críticas, teóricas e partilháveis para a área.

A compreensão da criação como rede em construção sustenta-se, sobretudo, no estudo filosófico sobre a ideia de rede segundo Pierre Musso (2004) e no pensamento complexo e relacional fundamental de Edgar Morin (1998) ao pensar os desafios epistemológicos contemporâneos, que se unem ao olhar para a criação como um processo semiótico (Salles, 1994). O termo “em construção” associa ao conceito de rede a discussão da criação como processo contínuo – a semiose, em termos peirceanos – ou seja, um caminho falível com tendência, que traz as marcas do pensamento em movimento.

As interconexões por onde se constroem os processos de criação nos colocam no campo relacional: toda ação está relacionada a outras ações de igual relevância, em um percurso, por isso, não linear e sem hierarquias prévias. A construção de uma rede, ou seja, sua transição de uma rede simples para outras mais complexas são consubstanciais à sua própria definição. As interconexões, por sua vez, geram os picos

●351

ou nós da rede, elementos de interação ligados entre si, que se manifestam como os eixos direcionadores de nossas investigações sobre os processos de criação de diferentes criadores, em busca das singularidades que nos ajudam a pensar o geral.

As tendências dentro dos processos são, por sua vez, rumos vagos que orientam o processo de construção dos objetos, no ambiente de incerteza e imprecisão, gerando trabalho em busca de algo que está por ser descoberto.

Temos observado as tendências dos processos de criação, especialmente, sob o ponto de vista da construção do projeto (princípios direcionadores) e das práticas comunicativas (diálogos intrínsecos à criação), que são, portanto, leituras do conceito de semiose de Charles S. Peirce, que alimenta essa proposta de teoria geral da criação desde seus estudos iniciais (Salles, 1994).

O modo de ação das tendências segundo Peirce (CP 1.269) é transportado para essas duas perspectivas. Para Peirce, todo processo sígnico carrega o conceito de meta, objetivo, e implica em luta para obtê-lo. Daí o autor definir o propósito como "desejo operativo" (CP 1.205). Tendências, portanto, são rumos, porém vagos.

•352

É nesse contexto de tendências vagas que encontramos também os projetos dos investigadores-criadores em contexto de experimentação metodológica diante das suas práticas de investigação e de criação em interação. Os projetos, nesse sentido, configuram os princípios direcionadores, de natureza ética e estética, presentes nas práticas de investigação-criação imbricados na produção de um projeto específico e que atam o trabalho daquele investigador-criador com a sua história como um todo.

São o encontro das teorias implícitas no fazer com a reflexão sobre as práticas que estão em jogo na atuação do investigador-criador. São planos de valores, formas de representar o mundo, gostos e crenças que regem o seu modo de ação. Esses projetos estão inseridos no espaço e tempo da criação, que inevitavelmente afetam o investigador-criador.

A busca, como processo contínuo, é sempre incompleta, tanto na criação como na investigação, mas orientada por um rumo, ainda que vago e falível. Buscamos assim compreender quais são esses princípios que direcionam os processos estudados e como são gerados, e trazer essa reflexão sobre projetos singulares para pensar o geral e o recorrente em meio aos processos de criação.

O processo de criação, como uma tendência para o outro e para a conexão, insere-se ainda nas complexas redes culturais, na frisa do tempo da arte, da ciência e da sociedade em geral. O aspecto comunicativo do processo envolve a compreensão do sujeito, ao mesmo tempo, na sua singularidade, mas também como uma

comunidade, aquela com a qual ele interage e que habita a sua subjetividade (Colapietro, 2016), travando uma grande diversidade de diálogos de natureza inter e intrapessoais em sua confecção, tanto com a obra em processo, como também com a crítica e a teoria de uma área, como com possíveis interlocutores (parceiros, leitores, espectadores etc.).

Uma teoria em diálogo com a experimentação contemporânea

Neste relato inicial do percurso de ampliação, devemos destacar uma questão que move as atividades de todos nós e que tem se mostrado responsável pela vitalidade das investigações e da própria teoria que as sustenta: as experimentações contemporâneas.

●353

Acreditamos que estar atento às experimentações contemporâneas, especialmente no campo da arte, que nos deslocam das certezas e necessitam frequentemente de novos olhares e novos instrumentos críticos – por exemplo, as diferentes relações entre obra e processo e uma grande diversidade de explorações de arquivos, nas diferentes mídias, tais como Instagram, YouTube etc. – tem sido um dos pontos fundamentais para a permanente revisão da teoria da criação em curso e que nos mantém constantemente atentos à sua vitalidade e capacidade de diálogo com diferentes criadores e investigadores.

Mais recentemente, alguns membros do grupo sentiram necessidade de refletir sobre certos desdobramentos das suas investigações gerados por novas atuações no âmbito acadêmico, mais especificamente, interações com o artista-investigador fazendo seus TCCs, dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre seus próprios

processos de criação, seja no âmbito da sala de aula, da orientação ou da escrita dos projetos.

No início, esses diálogos eram limitados às situações de bancas de qualificação e defesa em programas de pós-graduação que têm a linha de pesquisa chamada Poéticas. Diríamos que é um ambiente restrito, pois as decisões finais do encaminhamento dos trabalhos ficam nas mãos dos orientadores. Somos convidados para as bancas na condição de discutirmos processos de criação em geral.

Como comentamos no início, os desdobramentos dessa linha de investigação tiveram alguns marcos nos últimos anos, que passamos a comentar brevemente, seguido de alguns exemplos de experimentações metodológicas vividas por investigadores-criadores envolvidos com esses marcos, para depois trazermos algumas reflexões acerca das interações cada vez mais densas entre investigação e criação no contexto de desenvolvimento desta teoria geral da criação em curso.

●354

Convênio com a Universidade do Algarve

As interlocuções entre o nosso Grupo de Pesquisa da PUC-SP e o Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) da Universidade do Algarve se iniciaram com uma bolsa sanduíche, em 2019, de uma das autoras deste artigo, a [retirado por anonimato]. A investigadora, na altura, era orientanda da Profa. Dra. [retirado por anonimato], também autora deste artigo, e coorientanda da Profa. Dra. Miriam Tavares.

A parceria, nutrida pelo desejo de trabalhar junto e reforçada pelo estágio sanduíche, gerou, ainda em 2019, um protocolo de colaboração internacional assinado pelas coordenadoras das duas instituições, o CIAC e o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP. Mais adiante, em 2022, a continuidade do diálogo entre as instituições deu origem a um convênio mais amplo, assinado entre a Universidade do Algarve e a PUC-SP, que corroborou com o adensamento dos projetos em comum entre as duas instituições.

Ainda durante o doutorado da [retirado por anonimato], houve em 2020 a proposta da edição conjunta dos cinco primeiros volumes da **Coleção Processos de Criação**⁷ do CIAC, três deles publicados em 2022⁸ e dois publicados recentemente em 2024⁹.

A Coleção foi um dos pontos de partida para as atividades acadêmicas entre as duas instituições, que têm a temática dos Processos de Criação como uma proposta transversal. Os cinco primeiros volumes foram dedicados a diferentes artistas e manifestações (artes visuais, artes da cena, fotografia e cinema) do cenário contemporâneo brasileiro¹⁰, frutos de investigações de mestrado e doutorado de membros do Grupo de Pesquisa da PUC-SP, que tiveram por base a Teoria Crítica dos Processos de Criação.

Em 2024, juntou-se à Coleção a iniciativa da **Conferência Internacional Processos de Criação**¹¹, realizada pelo CIAC em parceria com o Grupo de Pesquisa da PUC-SP, que reuniu no Algarve em sua edição inaugural um grande número de interessados da comunidade acadêmica e artística do Algarve, de outras regiões de Portugal e do exterior, em especial do Brasil, pela parceria com o Grupo de Pesquisa da PUC-SP, e que agora no final de 2025 terá sua segunda edição.

●355

Em 2025, também teve início o Ciclo de Processos de Criação (on-line), em uma extensão da Conferência, promovido semestralmente no âmbito das aulas da Pós-Graduação em Processos de Criação da PUC-SP e em parceria com o Canal do YouTube do Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, que hospeda as edições do ciclo, aberto ao público.

⁷ <https://processosdecriacao.ciac.pt/>

⁸ Livros *Eustáquio Neves: sujeito fotográfico* (Paula Martinelli, 2022), *Roberto Alencar: o corpo em trânsito* (Wagner de Miranda, 2022), *Anna Maria Maiolino: projeto artístico em construção* (Vinícius Gonçalves, 2022).

⁹ Livros *Performances: ensaios sobre o espectador* (Regina Gorzillo, 2024) e *Roteiros: da criação como experimentação* (Patrícia Dourado, 2024).

¹⁰ Eustáquio Neves, Roberto Alencar, Anna Maria Maiolino, Lygia Pape, Eleonora Fabião, Lhola Amira, Opavivará, Eliane Caffé, Anna Muylaert, Leonardo Mouramateus, Marcelo Gomes, Karina Ainouz, Alê Abreu, Cao Guimarães.

¹¹ <http://ciac.pt/evento/conferencia-processos-de-criacao/>

Mestrado em Processos de Criação na Universidade do Algarve

Destacamos ainda a experiência do Grupo da PUC-SP em desenhar, em parceria com os professores da Universidade do Algarve¹², um programa de formação pós-graduada na área dos Processos de Criação, que começou em 2022 inicialmente como Especialização/Pós-Graduação, e que se tornou o que hoje é o **Mestrado em Processos de Criação** da Universidade do Algarve, em parceria com o nosso Grupo de Pesquisa da PUC-SP.

Essa formação, que tem a Teoria Crítica dos Processos de Criação como uma de suas bases teóricas, diante da experiência de mais de 30 anos de dedicação ao tema, foi uma proposta bastante atraente para o Grupo da PUC-SP, tanto por seu grau de inovação como por ser uma forma de ampliação das nossas pesquisas e diálogos com outros públicos, nesse caso, com o público português. O curso tem a participação de professores do Grupo de Pesquisa da PUC-SP entre o quadro docente e de orientadores.

Agora em 2024, a primeira turma do Mestrado entregou seus trabalhos finais, e a nossa experiência neste percurso foi fortemente marcada pelos alunos e pela natureza das suas buscas. Eram em sua grande maioria artistas discutindo seus próprios processos, na transversalidade que um Mestrado em Processos de Criação pode proporcionar. Tínhamos artistas visuais, curadores, fotógrafos, atores, escritores, dramaturgos, cineastas, arte-educadores, entre outros.

Foi um desafio que nos levou a novos caminhos, relativos, especialmente, a questões metodológicas, ou seja, no modo como preparar esses alunos para a reflexão teórica – algumas vezes tão temida, mas sempre necessária aos trabalhos em âmbito de mestrado e doutorado.

É interessante ressaltar que nós mesmos estávamos tateando o modo como dar essas aulas e as primeiras incursões em como os auxiliar no desenvolvimento dos trabalhos, primeiramente, que seriam entregues ao fim das unidades. Adicionadas às aulas em classe (parte on-line, por ser um programa híbrido) a Universidade oferece ainda quatro a seis horas de orientação tutorial (OT) por semestre, com conversas individuais entre os alunos e os professores que estavam ministrando a disciplina.

Voltaremos mais adiante às questões metodológicas surgidas nesse contexto, ao trazer o relato de caso da experiência de dois artistas que foram alunos do

¹² Este assunto foi abordado com mais detalhes em outros trabalhos: Dourado et al., 2023; Salles et al., 2023.

programa, ao comentar sobre suas incursões de descoberta metodológica para a abordagem dos próprios processos de criação no contexto acadêmico e como foi importante o suporte e diálogo com a Teoria Crítica dos Processos de Criação neste caminho.

Atuação no Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP

Como já foi mencionado, todos os trabalhos do Grupo de Pesquisa tinham sido desenvolvidos na PUC-SP, até então, no Programa de Comunicação e Semiótica, mas a partir de 2022 passamos a atuar também no Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. Assim foi dada continuidade aos estudos de processos de criação específicos que marcaram o início da crítica de processo na PUC-SP com o estudo dos arquivos de Ignácio de Loyola Brandão (Salles, 1990). Só para citar um exemplo, temos um estudo mais recente sobre os arquivos digitais de João Anzanello Carrascoza (Salles, 2023).

Ao mesmo tempo, ampliamos o campo de investigação com estudos de processos de tradutores (Lemes, 2023) e de escrita criativa (Rauda, 2025), como também no âmbito educacional, em relação aos processos de criação de ensino e aprendizagem.

●357

São exemplos de trabalhos na intersecção entre educação e criação o número 48 da *Revista Manuscrita*, com o artigo conjunto dos investigadores da PUC-SP, “Práticas educacionais e estudo dos processos de criação no âmbito do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP: interações possíveis” (Salles et al., 2022), e a entrevista sobre a nova formação no Algarve, “Formação transversal na área dos Processos de Criação: práticas educacionais entrelaçadas na Pós-Graduação em Processos de Criação da Universidade do Algarve” (Dourado et. al., 2022).

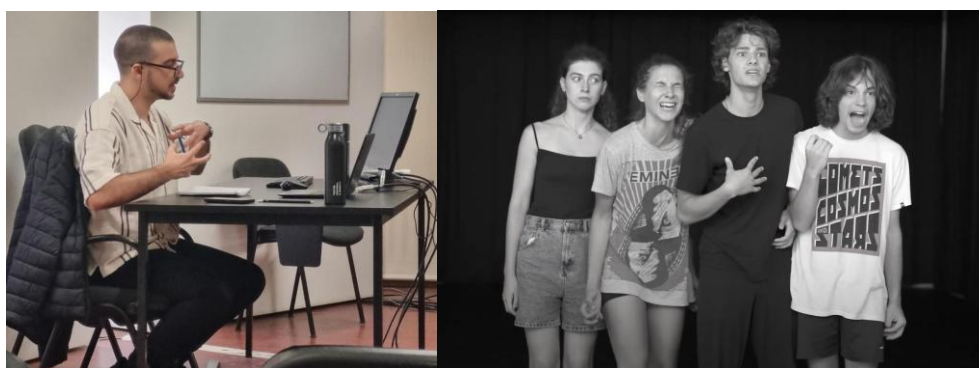
Destacamos no âmbito do artista na universidade e a investigação sobre o próprio processo, a importante interlocução com a área da escrita criativa e a consequente necessidade de refletir sobre abordagens teóricas e metodológicas para os alunos/artistas que vão desenvolver mestrados e doutorados sobre suas próprias produções literárias, que também agora tem encontrado reverberações importantes com a Teoria Crítica dos Processos de Criação.

É clara a possibilidade e necessidade de interação com a experiência que vem sendo adquirida a partir dessas novas expansões. Encaminhamos, assim, nossas reflexões sobre a experimentação metodológica para alguns exemplos de projetos

desenvolvidos ou em curso, que comentaremos a seguir. O critério de escolha para os exemplos que serão apresentados a seguir foi a presença de aspectos que poderíamos destacar como experimentações metodológicas relevantes para o campo da investigação-criação entre projetos que acompanhávamos mais de perto como professoras e/ou orientadoras.

Os artistas na universidade e a investigação sobre o próprio processo

Diogo Simão



•358

Figuras 1 e 2. Diogo Simão em defesa de mestrado na Universidade do Algarve, em 2025. Imagem do *making of* do filme *Aunque es de noche* (2023), filmado nas minas de sal gema de Loulé, cujo processo de escrita e preparação se deu durante o período de isolamento da COVID-19, entre os anos de 2020 e 2022. Fonte: Instagram @mestrado.criacao_ualg e imagem de *making of* cedida por Diogo Simão.

Passamos a discutir o caso de um dos nossos alunos para dar mais clareza e concretude. Trata-se do cineasta Diogo Simão, durante o Mestrado em Processos de Criação da Universidade do Algarve.

No primeiro semestre, foi entregue um trabalho, resultado das conversas em aula e das orientações tutoriais (OT), aulas de apoio ao desenvolvimento dos trabalhos e de solução de dúvidas.

Ele nos falou de forma recorrente sobre o *making of*, por ele dirigido, chamado *Quem é o Ivan* (2017) que flagramos como um possível tema de seu trabalho de final de curso. Um tipo de documentário que pode ser considerado um importante registro

(ou vestígio) de processo, muito estudado pelos críticos interessados nos processos de produção cinematográfica.

Depois de várias conversas, trouxe o seu *making of* como detonador de suas reflexões teóricas e abriu seu trabalho com uma citação de Colapietro que destaca a importância da teorização dos estudos de arquivos da criação: “Vestígios inteligíveis do curso irregular dessa experimentação expandida podem ser cortejados e narrados, descritos e interpretados, mas também teorizados” (2016, p. 61).

Ao organizar o que ele chamou de dossiê de seu processo, passou a fazer uma reflexão teórica a partir de algumas características gerais dos processos. Surgiram os seguintes temas que passaram a organizar suas reflexões e, conseqüentemente, seu texto. Por exemplo, passou a discutir a relevância do contexto de produção, mais especificamente, o cinema feito no Algarve.

Em seguida trouxe a relação da tecnologia e escolhas estéticas que terminou com uma importante questão sobre a continuidade do processo (ou seu inacabamento) a partir desse olhar retroativo para a obra já mostrada publicamente: “Percepção posterior da obra faz parte do processo criativo? Por que o filme, não mudando, muda para mim? E sendo eu o seu criador, quer dizer que ainda lhe estou a atribuir novos significados, a contar novas histórias a partir deste objecto?”. O que está sendo destacado são os efeitos em seu processo do que foi desenvolvido durante a sua investigação no contexto do mestrado.

Como vemos, alguns aspectos gerais da criação, como contextos de produção e modos de trabalho, discutidos em sala de aula e em encontros de orientação, serviram para lançar luzes sobre especificidades do processo deste investigador-criador.

●359

Nicole Lissy



Figuras 3 e 4. Nicole Lissy em defesa de mestrado na Universidade do Algarve, em 2025. Imagem da exposição *Retratos da Alma* (2025) na Galeria do Alto, em Gurjões, parte do projeto de mestrado de Nicole Lissy. Na imagem, as cadeiras onde a artista sentava em performance com os retratados e os desenhava enquanto os olhava, sem olhar para o papel, em um enfoque centrado no encontro. Fonte: Instagram @mestrado.criacao_ualg

●360

Outro exemplo que trazemos é o da artista e educadora Nicole Lissy com o projeto *Retratos da Alma*, matéria de reflexão e de construção ao longo do seu mestrado na Universidade do Algarve.

Parte das reflexões trazidas por ela tiveram culminância a partir da experiência vivida enquanto artista residente na escola, uma iniciativa inovadora do Plano Nacional das Artes de Portugal.

Curiosa sobre outros modos de fazer e sobre o que poderia significar um artista residente no espaço escolar, enquanto presença viva, ela começou por desenhar junto com os alunos, a partir das próprias questões inerentes a eles, o escopo do que viria a se tornar o projeto *Retratos da Alma*.

Como artista e como educadora sensível, metodologias prévias e rígidas não interessavam ao desenvolvimento do seu percurso na universidade, o que tornou sua caminhada marcada pela busca de um modo de investigar que pudesse ser mais coerente com o seu ser artista no mundo. O desejo por experimentar, testar e observar, que Nicole Lissy traz da sua própria prática artística e educativa, entretanto, contribuiu diretamente para que o ímpeto por explorar outras metodologias estivesse presente também em seu trabalho no espaço acadêmico.

Uma das metodologias que ajudou a artista a se conectar com sua voz na escrita acadêmica foi o recurso das “cartas escritas a um amigo fictício”, que a acompanhou durante toda a escrita do trabalho de projeto final do mestrado.

Esta ferramenta, acolhida pela artista para apresentar-nos seu projeto, contribuiu não apenas para ajudá-la a organizar seus pensamentos e inquietações durante a escrita, por um elo de intimidade criado com a prática acadêmica que lhe parecia estranha a princípio, como também faz, ao leitor, aproximar-se mais da própria matéria daquilo sobre o que nos fala: o pensamento em criação e suas inquietações.

Ao explorar este caminho, Nicole Lissy trouxe importantes reflexões acerca da construção da subjetividade com as quais lida diretamente nas ações do projeto *Retratos da Alma*. As ações consistem em um desenho performático que busca retratar o outro sem tirar os olhos dele, sem desviar o olhar para o papel, em um exercício profundo de observação e encontro.

As indagações sobre o que significa o artista (residente) na escola, trazidas por Nicole Lissy em seu trabalho, faz-nos pensar o que significa, em sentido mais amplo, a presença e a permanência do artista (e do pensamento artístico e de suas práticas) na universidade, e para aquilo o que se deseja construir enquanto espaço acadêmico, que se espera não ser apenas endógeno, mas especialmente diverso, dialógico e aberto à inovação – aquela que tem a experimentação de métodos e de processos como uma das principais portas.

●361

Irena Rauda



Figuras 5 e 6. Irena Rauda no lançamento do seu livro *Essa é a história de uma mulher em migração* (2024), na Livraria das Perdizes, em março de 2025. Imagem de arquivo de Irena Rauda, de setembro de 2024 – a chama que muitos escritores gostam de ter acesa em seus processos. Fonte: cedidas pela escritora.

●362

Queríamos trazer também um exemplo da literatura, com a escritora Irena Rauda, que desenvolve neste momento investigação de mestrado no Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP.

Rauda tem explorado o que chama de “confluência entre teoria e criação”. Entrou para o mestrado com o objetivo de desenvolver uma investigação sobre a escritora Adalgisa Nery. Mas, durante uma aula, percebeu que a obra de Nery estava entrando em seu romance em processo e que esse cruzamento parecia ser inevitável. Diante do atravessamento entre o estudo da obra de Nery e a escrita do romance de Rauda, foi levantada a proposta de assumir a inevitabilidade desta confluência de processos – de investigação e de criação – especialmente considerando que a teoria que dá sustentação ao seu estudo, a Teoria Crítica dos Processos de Criação, é naturalmente afeita a essa confluência.

A teoria, conforme vem sendo desenvolvida nas práticas de investigação-criação do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP, nasce da observação de uma ampla diversidade de criadores e linguagens – como vimos no início deste texto. Tem entre seus objetivos perceber aspectos gerais da criação e lançar luzes sobre o que cada criador e cada processo têm de singular. Esses estudos têm retornado em

contribuição para o aprofundamento da compreensão das singularidades nos processos de criação e dos diferentes movimentos de que os processos de criação são feitos.

Rauda percebeu que muito das singularidades de Nery, por esta confluência, estão presentes em seu próprio processo enquanto escritora e enquanto investigadora, reforçando as práticas comunicativas e o desejo de se ligar ao outro, que mora no fazer e oferecer ao mundo, característicos dos gestos de criação.

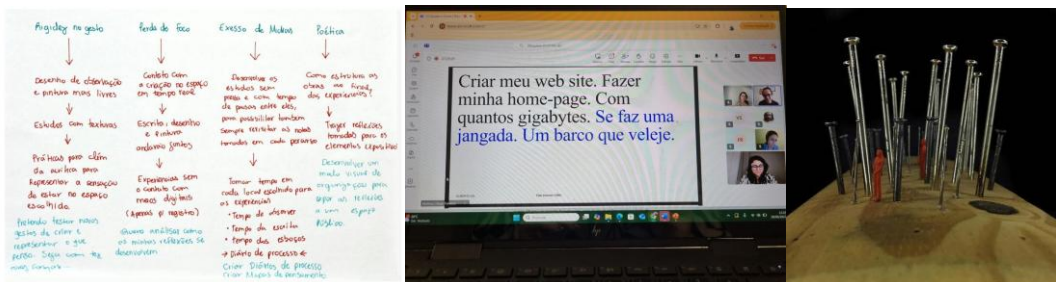
Rauda decidiu incorporar a investigação, que todo escritor (criador) desenvolve em meio aos seus processos, também à sua investigação acadêmica, de natureza mais partilhável, fazendo do estudo da obra de Nery e do processo de escrita de seu romance atual um projeto comum de investigação-criação em andamento durante o período de mestrado na PUC-SP.

A experiência de Rauda nos coloca diante de mais um exemplo de experimentação metodológica surgida no diálogo com a Teoria Crítica dos Processos de Criação e que nos lembra do amplo campo por explorar da investigação-criação e da potencialidade de suas contribuições para diferentes áreas.

Ao se apresentar como uma teoria que parte da prática e que para ela retorna, em um movimento contínuo de criar-investigar-criar, a Teoria Crítica dos Processos de Criação também se renova a cada novo projeto de investigação que se inicia e que carrega em si suas próprias necessidades e desejos de encontrar seu modo (método) de fazer, que tem o suporte desta teoria geral da criação e dos tantos projetos com os quais já encontrou ressonância.

●363

Primeiras experiências na Pós-Graduação em Processos de Criação da PUC-SP



Figuras 7, 8 e 9. Notas de arquivo sobre o projeto de exposição *Canto de olho* de Ariell Guerra. Apresentação do projeto de *website low tech* de Matheus Fonseca. Estudos de projeto de experimentação espacial em arquitetura de Letícia Passarelli. Todos são projetos em desenvolvimento na Pós-Graduação em Processos de Criação da PUC-SP. Fonte: arquivos pedagógicos e de investigação, autorizados pelos alunos.

●364

Por último, gostaríamos de comentar, mesmo que brevemente, três casos em andamento na Pós-Graduação em Processos de Criação da PUC-SP, na área das artes visuais, do design e da educação, que podem nos ajudar a perceber outras instâncias da relação entre investigação e criação no âmbito da experimentação metodológica.

São os casos da artista visual Ariell Guerra, do designer Matheus Fonseca e da professora, arquiteta e artista visual Letícia Passarelli. Os três estão desenvolvendo projetos de investigação-criação que partiram de inquietações que nutriam da observação das práticas em suas áreas de atuação e do desejo de agir por meio de projetos de investigação-criação em resposta à essas inquietações.

O que chamamos aqui de investigação-criação emerge da observação atenta e continuada de diferentes práticas e em áreas diversas, ao longo dos últimos anos no Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP, como vimos. Um percurso que tem contribuído para a sistematização de certos elementos que apontam para uma possível teoria geral da criação. Essa perspectiva tem sido recentemente ampliada pelas experiências – sobretudo metodológicas – vividas nos contextos das novas formações em Processos de Criação (UAlg e PUC-SP), formações com as quais as autoras deste artigo estão envolvidas desde suas concepções iniciais até o atual momento de atuação em aulas e orientações.

Nesse contexto, investigar-criar consiste em abordar um tema ou uma problemática de determinada área por meio, também, de procedimentos, materialidades e metodologias próprias dos processos de criação nos quais a investigação se insere. Trata-se, portanto, de explorar uma temática enquanto se experimenta criar algo que, em seu próprio fazer, incorpora e reflete questões da investigação – antes, durante e/ou depois de um projeto de criação. É, portanto, antes de tudo, um abraço entre conceito e forma, teoria e prática, ética e estética, investigação e criação.

Por exemplo, a artista visual Ariell Guerra trouxe como parte de seu projeto de investigação uma inquietação que vem da sua prática artística com grande produção e circulação das suas obras, a percepção de que seus processos estavam entrando em um certo automatismo, que a falta de tempo para experimentação em meio aos processos estava limitando a sua experiência e, também, o que resulta dela. Juntou a isso a percepção social sobre o modo que nós todos estamos cada vez mais em processos automatizados – e automatizadores – nas nossas práticas humanas mais diversas do ver, do ouvir, do criar e do estar com o outro.

Ariell observa como o olhar tem sido domesticado e como as telas que fazem parte do nosso dia a dia têm especial contribuição na crescente domesticação do ver. A tendência a olhar para o centro e perder o entorno tem sido um dos destaques dessa domesticação identificada pela artista e sobre a qual deseja refletir (reagir) com um projeto de exposição desenvolvido durante a pós-graduação.

A artista, imersa em um processo de investigação-criação, tem chamado a esse projeto de exposição futura de *Canto de olho*, e com ele tem buscado explorar aspectos do ver e do ouvir da sua própria prática artística em interação com a experiência de estar com o outro. Tem desenhado modos de religar o sentido, a presença e a lateralidade com experiências de entorno. Revê, com esse projeto, suas próprias metodologias de criação, e, por consequência, de investigação, no contexto da pós-graduação em curso.

Matheus Fonseca, por sua vez, tem desenvolvido um projeto de investigação-criação no âmbito do design, que surge como uma resposta material a muitas de suas inquietações com o atual contexto de saturação e hiperconsumo vivido em plataformas de interação social e autopublicação, como X (antigo Twitter), Instagram e Facebook. Ele se pergunta em sua proposta de *website*: “Ainda existem tipos de sociabilidade on-line [...] que instigam a criatividade e a descoberta de novas ideias, sem transformar os usuários em seres rastreados, alvos de anúncios, e com pouca ou nenhuma

privacidade?”. E continua: “é possível propor um modelo de prática mais consciente do seu consumo energético e mais transparente quanto às suas escolhas estéticas e éticas?”. Conduzido por essas perguntas, Matheus ensaia possíveis respostas em seu projeto de *website low tech* que se ergue do desejo de buscar outros modos de presença digital.

Por fim, nosso último exemplo vem da observação da própria prática e do contexto de sala de aula, de onde a professora, arquiteta e artista visual Letícia Passarelli parte suas inquietações diante de pontos como “divertir-se ao projetar”, “formas e espaços que significam”, “a sustentabilidade como parte intrínseca ao projeto, e não um apêndice”, “a integração entre diferentes conhecimentos”.

Passarelli observou esses pontos em sua própria experiência e na de seus alunos, especialmente durante a disciplina de projeto, e propôs, a partir dessa observação, uma metodologia baseada principalmente na testagem e experimentação. A abordagem de Passarelli valoriza a manualidade como forma de pensamento, em que o ato de manipular a matéria torna-se não apenas meio de produção, mas também de reflexão e descoberta – como é marca o trabalho com a matéria, mas, neste caso, com grande consciência por esta escolha.

•366

O exercício de projetar, conforme proposto por Passarelli, procura ir além dos procedimentos tradicionais de abstração ou representação gráfica projectual (muitas vezes apenas diretamente no *software*), e passa a envolver o contato direto com uma diversidade de materiais, texturas, cores, formas, especialidades e escalas, em um processo que convida à curiosidade, à diversão e ao aprendizado pela prática. Essa metodologia, além de favorecer soluções criativas e sustentáveis desde os primeiros gestos e escolhas de trabalho, promove uma integração natural entre diferentes áreas do conhecimento, estabelecendo um espaço fértil para a inovação.

O modo de investigar-criar de Ariell Guerra, Matheus Fonseca e Letícia Passarelli, que aqui tomamos como exemplos, advém do entrelaçamento com suas próprias inquietações e temas de interesse. Ao mergulharem nessas questões, com o suporte da Teoria Crítica dos Processos de Criação, eles não apenas avançam em suas investigações, mas também trazem contribuições de volta à própria teoria. Isso se dá na medida em que experimentam metodologias de trabalho ajustadas às necessidades de cada projeto e à consciência que cultivam sobre a natureza viva dos processos de criação — processos que, em sua vitalidade, conduzem e são conduzidos pelas singularidades de cada projeto de investigação-criação em que atuam.

Experimentações metodológicas

Há uma recorrência nas discussões metodológicas dos percursos acadêmicos no contexto de investigação sobre o próprio processo trazidos aqui, que é a necessidade de uma “reflexão teórica” e muitas vezes adicionada a menção ou quase obrigação de ter citações. Algo que causa um certo receio por parte dos alunos/artistas, levando por vezes a bloqueios na escrita.

Trata-se da necessidade de instrumentos teóricos para que tais investigações não se limitem a narrativas (ou descrições) do processo das “minhas” escolhas e alcancem um grau maior de generalização. A Teoria Crítica dos Processos de Criação oferece tais instrumentos, por exemplo, por meio da discussão do espaço da criação, de modos de trabalho, contextos de produção, relação com a escolha de materialidades e recursos ou procedimentos de criação no âmbito das buscas do projeto artístico específico, só para citar alguns exemplos (Salles, 2006; 2011).

Mas algo é certo: esse percurso de busca dos aspectos teóricos envolvidos na prática dos discentes/investigadores, em outras palavras, não é dado *a priori* pelo orientador/professor em relação ao que deve ser discutido, é principalmente uma relação entre busca e construção, que surge da urgência do investigador por encontros profícuos entre prática e teoria.

Nesse caminho, busca-se, deixar falar a voz das coisas (os arquivos da criação) sem imperialismos teóricos, a fim de permitir que os processos e materiais, os artistas e seus públicos possam falar por si, e que nós, por sua vez, possamos acessá-los por via dos diferentes modos de arquivamento que os processos encontram em seu percurso. É o que destaca, por exemplo, Vincent Colapietro (2024) ao reconhecer as contribuições da Teoria Crítica dos Processos de Criação e a grande engenhosidade e habilidade cênica necessárias para que a voz das coisas possa falar, sem um leito de Procusto ou forma prévia que viole a diversidade de processos, que é na verdade parte da riqueza do estudo.

Assim, sem a proposta de oferecer um modelo metodológico rígido, mas de refletir sobre práticas surgidas em sala de aula, destacamos dois modos de ação dos professores/orientadores do Grupo de Pesquisa envolvidos nessas salas de aula, especialmente das recentes formações em Processos de Criação (UAlg e PUC-SP), que trazem nosso principal recorte de exemplificações. Isso se dá especialmente por terem sido gerados em conjunto por muitos dos membros do grupo, pelas interações entre nós e os alunos, podendo assim chegar a algum grau de generalização.

Começamos pelos relatos de processo que normalmente são associados à cronologia do percurso com seu caráter narrativo/descritivo das “minhas escolhas”, uma forma discursiva insuficiente quando o objetivo é a construção de conhecimento e a partilha para a academia. No entanto, observamos o potencial e a relevância de tais relatos orais e escritos em sala de aula e/ou encontros de orientação não como produtos a serem entregues como dissertações, mas como detonadores para flagrar alguns aspectos da teoria que parecem fazer parte dos projetos artísticos em processo.

A teoria saída da prática é uma forma de partir do conhecido para eles. São mencionados com recorrência artistas com quem eles dialogam, grande diversidade de pesquisas (temáticas, relativas a materialidades ou técnicas etc.), referências bibliográficas etc. E as citações, conseqüentemente, são geradas muitas vezes pelas referências próprias e associações propostas pelos professores/orientadores e pelos relatos como parte dos processos dos artistas/investigadores.

Gostaríamos de destacar um aspecto teórico de todos os processos de criação que envolvem pesquisa, isto é, certamente um dos aspectos gerais discutidos pelos críticos de processo. As singularidades afloram naquilo que é pesquisado e como é transformado em nome do projeto artístico.

•368

No foco de nossas reflexões, podemos dizer que há aqui mais uma camada na discussão da complexidade das redes da criação, que é a presença do artista na universidade, fazendo mestrados e doutorados articulados com suas carreiras artísticas e capazes de contribuir com teorias e pensamentos originais para a sua área de atuação, em busca de metodologias com as quais trilhar esse caminho.

Considerações finais

Enquanto professores, orientadores e investigadores atentos aos processos de criação em sentido amplo, perguntamo-nos: o que aprendemos com os artistas e criadores em contexto de investigação na universidade?

Uma teoria que sempre se buscou ser viva e em movimento, atenta à própria natureza dinâmica daquilo que estuda – os processos; cada vez encontra mais tópicos sobre os quais aprofundar ou puxar os fios de uma rede que sempre esteve desenhada para tal, para ter fios puxados e buscar pela relação (o pensamento em relação) daquilo que a constitui.

O tópico que tentamos destacar desta vez foi a questão da experimentação metodológica, que parece estar no cerne dos estudos sobre processos de criação para

os investigadores-criadores cujas práticas no espaço acadêmico trouxemos para este artigo. É importante enfatizar que esta, entretanto, não nos parece ser uma busca apenas dos investigadores-criadores abordados, mas de muitos outros artistas e criadores diversos que podemos acompanhar em suas práticas exploratórias de investigação no espaço acadêmico.

Ao começar este texto, tínhamos algumas perguntas-guia, que esperamos ter contribuído para quem desejar pensar sobre elas. A primeira era sobre como oferecer suporte para o desenvolvimento de investigações que têm a criação como enfoque.

O suporte de uma teoria crítica da criação, em uma abordagem transversal, alimentada pelo estudo de diferentes artistas e diferentes investigadores em áreas diversas, parece-nos fundamental para apoiar os interessados em desenvolver investigações no campo da criação. As novas formações na área dos Processos de Criação (UALg e PUC-SP) são resultado dessa busca, assim como o desejo de construção de uma bibliografia ampla em torno do tema em língua portuguesa (Coleção Processos de Criação) e de um espaço profícuo de diálogo e divulgação de estudos na área (Conferência Internacional Processos de Criação e Ciclo de Processos de Criação).

Isso porque algumas questões gerais passam a ser conhecidas a partir do estudo de uma miríade de criadores de áreas diversas e por meio da proposição de uma teoria crítica dos processos de criação, o que pode contribuir para ampliar o nosso olhar – e a nossa fala – para além de uma subjetividade aparentemente isolada, marcada por discursos como o “meu processo”, a “minha cor”, a “minha linha”.

O conhecimento de aspectos gerais da criação contribui para o investigador-criador perceber mais claramente a rede cultural ampla em que está inserido e estabelecer conexões com diferentes procedimentos, materialidades e métodos de outros criadores, de outras áreas, de outros momentos históricos e de outros lugares, levando-o a perceber suas reais singularidades – ou de um determinado criador ou linguagem de interesse – pela relação com o geral.

Tudo isso contribui para a construção de uma partilha de conhecimento no espaço acadêmico a partir do estudo dos processos de criação, por meio da dupla articulação de uma teoria que nutre os estudos da área ao mesmo tempo em que é nutrida por eles. Vale lembrar que os estudos de processos de criação também contribuem para várias outras teorias pelo estudo das poéticas, como a teoria e a crítica da arte, da literatura, do design, da educação e de cada uma das áreas e linguagens em que os projetos são desenvolvidos.

●369

Isso permite ao investigador-criador não apenas reconhecer melhor as suas singularidades na relação com o geral como construir um pensamento amplo sobre o seu fazer no mundo. Esse conhecimento é extremamente importante em situações como apresentar defesas de projeto, submissões a editais, residências, bolsas e fundos de financiamento, divulgação de trabalhos, lançamentos, entrevistas, colaborações e diversas outras situações cotidianas em que é preciso apresentar ao outro nuances de algo tão abstrato como os processos de criação.

A segunda pergunta era sobre quais consequências estariam implicadas em um estudo que acolhe a criação como objeto (e meio) de investigação. Essa pergunta foi de certa forma respondida com a primeira, com a eferescência da própria teoria. Uma das principais consequências para os estudos nessa área é sem dúvida a necessidade de um olhar processual, a fim de conseguir dialogar com a dinamicidade natural do objeto em questão – desde a metodologia à estruturação do estudo, ao modo de apresentação dos resultados e até a própria escrita.

•370

Esse olhar carrega algumas características, tendo algumas delas sido vistas aqui, como o pensamento relacional, a transversalidade entre áreas a partir de um eixo comum (os processos de criação) e o estudo de um objeto em movimento – o objeto em contexto de ação (construção), e não apenas o objeto dito pronto. Esses aspectos, que passam a ser intrínsecos quando se decide ter os processos de criação como objeto de investigação, carregam também em suas possíveis metodologias de investigação-criação a mesma essência processual e afeita ao esmiuçar da diversidade de caminhos, da testagem e da experimentação, características dos próprios processos de criação que observamos.

A terceira pergunta, por fim, era sobre as possíveis contribuições do estudo dos processos de criação para a produção de conhecimento pela prática e pela experimentação em um espaço que se deseja polifônico como o da universidade. Como a anterior, essa também já se respondeu em parte quando comentamos as contribuições e as consequências de desenvolver estudos na área dos processos de criação. Mas aproveitamos para enfatizar o que o estímulo a uma abordagem com tais características significa para a construção do conhecimento no espaço acadêmico diante de alguns desafios contemporâneos, como a hiperespecialização das áreas ou a automatização dos gestos e dos pensamentos de que nossa sociedade tem sido marca.

O estudo dos processos de criação, por sua natureza intrinsecamente transversal, carrega a capacidade de religar saberes e desautomatizar o pensamento – desafios que a educação e a ciência têm enfrentado para evitar o isolamento contínuo

provocado pela hiperespecialização e pelo automatismo. Junto a isso, pela abordagem dos processos, é também promovida a religação de aspectos complementares fundamentais, como teoria e prática, ética e estética, obras e processos, criador e público. Além de ajudar-nos a perceber com outro olhar o erro, o acaso, a experimentação, a continuidade e o inacabamento em meio aos processos, e contribuir para desromantizar a criação e desbloquear potenciais a serem desenvolvidos e aperfeiçoados.

A forte presença dos estudos artísticos no entrelaçamento com os processos de criação reforça a importância desses estudos para além de si mesmo e diante da dimensão ampla e partilhável do conhecimento acadêmico. Reconhecemos a importância da presença de artistas e criadores diversos na construção do pensamento acadêmico e na construção de uma teoria da criação cada vez mais integrada com o potencial disruptivo, sensível e inovador da arte, assim como também contamos que possa ser a qualidade do pensamento acadêmico construído na universidade.

O que está sendo trazido, a partir da história de expansão de uma teoria e dos casos de experimentação metodológica relatados nos exemplos escolhidos, entre muitos outros já realizados ou em curso neste momento, é como os aspectos gerais da criação oferecidos pela Teoria Crítica dos Processos de Criação podem contribuir para o aperfeiçoamento de metodologias de investigação-criação na universidade e, ao mesmo tempo, contribuir com um olhar transversal para diferentes processos e para a própria vitalidade do conhecimento. É a teoria implícita no fazer que tanto nos interessa e o seu potencial humanístico diante dos nossos desafios contemporâneos.

●371

Referências

BORGDORFF, H. *The conflict of the faculties: Perspectives on artistic research and academia*. Leiden: Leiden University Press, 2012.

BOUTINET, J-P. *Anthropologie du projet*. Paris: PUF, 1990.

CANDLIN, F. Practice-based doctorates and questions of academic legitimacy. *International Journal of Art & Design Education*, v. 19, n. 1, pp. 96–101, 2000.

CNRS SCIENCES HUMAINES & SOCIALES. *La recherche/création à l'œuvre dans la production et diffusion des savoirs scientifiques: une prospective en cours*. Disponível

em: <https://www.inshs.cnrs.fr/fr/cnrsinfo/la-recherchecreation-loeuvre-dans-la-production-et-diffusion-des-savoirs-scientifiques-une> Acesso em: 28 ago. 2025.

COLAPIETRO, V. Os locais da criatividade: sujeitos fissurados, práticas entrelaçadas. In: PINHEIRO, A.; SALLES, C. (Orgs.). *Jornalismo expandido: práticas, sujeitos e relatos entrelaçados*. São Paulo: Intermeios, 2016.

COLAPIETRO, V. Mediation unbound: the singular contribution of Cecilia Almeida Salles. In: COLAPIETRO, V.; MARTINELLI, P. (Orgs.). *Arquivos, genealogias e criação: Cecilia Salles e a construção de uma teoria contemporânea*. São Paulo: Gênio Criador, 2024.

COLAPIETRO, V.; MARTINELLI, P. (Orgs.). *Arquivos, genealogias e criação: Cecilia Salles e a construção de uma teoria contemporânea*. São Paulo: Gênio Criador, 2024.

CRSH – CONSEIL DE RECHERCHES EN SCIENCES HUMAINES. *Préparer une demande de subvention Savoir ou de subvention de développement Savoir portant sur la recherche-création*. Disponível em: <https://sshrc-crsh.canada.ca/en/funding/opportunities/resources/preparing-application-involving-research-creation.aspx> Acesso em: 28 ago. 2025.

●372

DOURADO, P.; MIRANDA, W. Cecilia Salles: da crítica genética à teoria crítica dos processos de criação. *Manuscritica: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, Brasil, n. 51, pp. 1-8, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/manuscritica/issue/view/13239>. Acesso em: 28 ago. 2025.

DOURADO, P. *Roteiros: da criação como experimentação*. Coleção Processos de Criação [Livro 5]. Faro: Edições Ciac, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34623/3vbk-z960> Acesso em: 23 ago. 2025.

DOURADO, P.; SALLES, C.; TAVARES, M. *Teorias que moram nas práticas*. Coleção Processos de Criação. Faro: Edições CIAC, 2025.

DOURADO, P.; SALLES, C.; SANTOS, A. C.; SOARES, A. I.; TAVARES, M. Formação transversal na área dos Processos de Criação: práticas educacionais entrelaçadas na Pós-Graduação em Processos de Criação da Universidade do Algarve. *Manuscritica: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, Brasil, n. 48, pp. 127–134, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/manuscritica/article/view/207528>. Acesso em: 23 ago. 2025.

EISNER, E. The promise and perils of alternative forms of data representation. *Educational Researcher*, v. 26, n. 6, p. 4-10, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GONÇALVES, V. *Anna Maria Maiolino: projeto artístico em construção*. Coleção Processos de Criação [Livro 3]. Faro: Edições Ciac, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34623/8w4m-8d79> Acesso em: 23 ago. 2025.

GORZILLO, R. *Performances: ensaio sobre o espectador*. Coleção Processos de Criação [Livro 4]. Faro: Edições Ciac, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34623/yqy7-b070> Acesso em: 23 ago. 2025.

IRWIN, R. L.; SPRINGGAY, S. A/r/tography as practice-based research. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 7, n. 1, pp. 1–17, 2008.

LEMES, K. Traduzir poesia ou a poesia do traduzir. *Manuscritica: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, Brasil, n. 51, pp. 40-51, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/manuscritica/article/view/216639>. Acesso em: 23 ago. 2025.

●373

LEWIN, K. Action research and minority problems. *Journal of Social Issues*, v. 2, n. 4, pp. 34-46, 1946.

MARTINELLI, P. *Eustáquio Neves: sujeito fotográfico*. Coleção Processos de Criação [Livro 1]. Faro: Edições Ciac, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34623/47g6-fr25> Acesso em: 23 ago. 2025.

MCNIFF, S. *Art-based research*. London: Jessica Kingsley, 1998.

MINISTÈRE DE LA CULTURE. *Recherche et création*. Disponível em: <https://www.culture.gouv.fr/thematiques/enseignement-superieur-et-recherche/la-recherche-culturelle/recherche-et-creation> Acesso em: 28 ago. 2025.

MIRANDA, W. *Roberto Alencar: o corpo em trânsito*. Coleção Processos de Criação [Livro 2]. Faro: Edições Ciac, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34623/8q7q-6076> Acesso em: 23 ago. 2025.

MORIN, E. *O método 4: as ideias*. Habitar, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

MUSSO, P. A filosofia da rede. In: PARENTE, A. (Org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PAQUIN, L-C. *L'articulation de la recherche à la création*. Écritures sur la recherche-crédation, 2020. Disponível em: <https://lcpaquin.com/> Acesso em: 28 ago. 2025.

PAQUIN, L-C; NOURY, C. Petit récit de l'émergence de la recherche-crédation médiatique à l'UQAM et quelques propositions pour en guider la pratique.

Communiquer, 2020, pp. 103-136. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/communiquer.5042> Acesso em: 28 ago. 2025.

POISSANT, L.; POULIN, L. (Org.). *La recherche création: Pour une compréhension de la recherche en pratique artistique*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2011.

RAUDA, I. [Costa, I. O.]. Tinta úmida sob neblina em tela: a escritora não está ausente. In: SALLES, C. Artistic creation as a semiotic process: the esthetic lure of final causes. *Revista de Semiótica*, v. 102, n. 3, pp. 225-235, 1994.

●374

SALLES, C. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Intermeios, 2011.

SALLES, C. *Redes da criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Annablume, 2006.

SALLES, C. *Uma criação em processo: Ignácio de Loyola Brandão e "Não Verás País Nenhum"*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990. SALLES, C. Da crítica genética à crítica de processo: uma linha de pesquisa em expansão. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 2, pp. 41-52, 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/27384>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SALLES, C. O processo de criação de João Anzanello Carrascoza: diálogos com Bakhtin. *Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso*, v. 18, n. 4, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/62278>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SALLES, C.; DOURADO, P.; SANTOS, A. B. DOS; SILVA, I. C.; PAIVA, F.; LEMES, K.; CHEIDA, S. Práticas educacionais e estudo dos processos de criação no âmbito do Grupo de

Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP: interações possíveis. *Manuscritica: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, Brasil, n. 48, pp. 6-21, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/manuscritica/article/view/204975>. Acesso em: 23 ago. 2025.

SAR – SOCIETY FOR ARTISTIC RESEARCH. Disponível em: <https://societyforartisticresearch.org>. Acesso em: 28 ago. 2025.

Stenhouse, L. *An introduction to curriculum research and development*. London: Heinemann, 1975.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers*. Editado por Charles Hartshorne e Paul Weiss. USA: Harvard Press [1931-1935], v. 1-6.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers*. Editado por Arthur W. Burks. Cambridge: Harvard Press, 1958. v. 7-8.

PEIRCE, C. S. Peirce, C. S. *Philosophical Writings*. New York: Dover Publication Inc., 1955.

●375

Como Citar

Experimentações metodológicas: interações entre investigação e criação. *ouvirOUver*, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 342–375, [s.d.]. DOI: [10.14393/OUV-v21n2a2025-79803](https://doi.org/10.14393/OUV-v21n2a2025-79803). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouer/article/view/79803>. Acesso em: 23 fev. 2026.



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.